

AINDA A PROPÓSITO DA QUESTÃO DAS VIVISSECÇÕES

O artigo que eu tive a honra de publicar na *Encyclopedia Republicana* e que motivou o folhetim do Sr. Alexandre da Conceição no número 349 do *Século*, está bem visto, não tem nada que ver com a questão pessoal. O Sr. Alexandre da Conceição dignou-se de me responder, nos mais delicados termos é verdade; mas com certas *piadas* e trocadilhos que eu receio que reduzam a altura da sua resposta. Cabe-me pois dizer mais alguma coisa, apesar de supor que a minha melhor resposta seria pedir ao Sr. Alexandre da Conceição que considerasse seriamente na sua.

S. Ex.a, no seu folhetim, apresenta-nos o artigo *John Bull* como a única coisa que se poderia escrever depois da leitura da carta de Darwin ao professor Holmgren e das palavras da redacção da *Revue Scientifique* que precedem essa carta. Não tanto a propósito deste incidente entre mim e o Sr. Conceição, como para tornar bem conhecida entre nós a maneira delicada e prudente pela qual costuma a emitir a sua opinião a gente que se não dedigna de ser *instrutor da mocidade*, traduzo aqui a carta do sábio Darwin.

Down Beckenham, 14 de Abril de 1881.

Caro Sr.

Respondo à vossa amável carta de 7 de Abril, e nenhum embaraço me causa o dizer-vos o que penso do direito que têm os sábios de fazerem experiências sobre animais vivos. Sirvo-me desta expressão porque a julgo mais correcta e mais fácil de compreender do que a palavra *vivissecção*. Vós podeis fazer da minha carta o que melhor vos parecer; mas se a publicardes, desejo que seja por inteiro.

Fui sempre partidário da doçura para com os animais, e, nos meus escritos, esforcei-me por espalhar esta ideia que considero como um dever. Quando o movimento contra os fisiologistas começou na Inglaterra, há já muitos anos, afirmou-se que se praticava actos de crueldade contra os animais e que se lhes infligia sofrimentos inúteis; eu pensei então que o parlamento devia intervir a favor dos animais. Tomei activa parte no movimento e reclamei uma lei que suprimisse toda a razão de queixa, deixando contudo aos fisiologistas a liberdade das suas indagações; e o meu projecto era bem diferente da lei que foi depois votada.

Devo ajuntar que a inspecção feita por uma comissão real provou a falsidade das acusações feitas aos fisiologistas ingleses.

Contudo, pelo que ouço dizer, creio que em certos países da Europa não se faz muito caso dos sofrimentos dos animais. Se assim é, ser-me-ia agradável saber que se tomava medidas para impedir estes actos de crueldade.

Por outro lado, sei que a fisiologia não pode fazer nenhum progresso suprimidas as experiências nos animais vivos, e tenho a íntima convicção de que retardar os progressos da fisiologia é cometer um crime contra o género humano. Quem, como eu, se lembra do estado desta ciência há cinquenta anos, deve reconhecer que ela tem feito imensos progressos e que avança cada dia com uma rapidez crescente.

Quais são, na prática da medicina, os progressos que se pode atribuir directamente à fisiologia, é o que só os médicos e os fisiologistas podem discutir com

competência: mas, tanto quanto eu posso julgar, os benefícios recebidos são já consideráveis.

A não se ignorar absolutamente tudo o que a ciência tem feito pela humanidade, deve-se estar convencido de que a fisiologia é chamada a prestar no futuro ao homem mesmo aos animais incalculáveis benefícios. Veja-se os resultados dos trabalhos de M. Pasteur sobre os germes das doenças contagiosas: os animais não serão os primeiros a utilizar esses resultados? Quantas vidas se tem salvado, quantos sofrimentos poupados, com a descoberta dos vermes parasitas, devido às experiências de Virchow e outros sobre os animais vivos!

Causará admiração, mais tarde, a ingratidão que a Inglaterra mostrou para com estes benfeitores da humanidade.

Quanto a mim, deixai-me assegurar-vos que honro e que honrarei sempre todo aquele que contribuir para o progresso desta nobre ciência — a fisiologia.

Sinceramente vosso.

Carlos Darwin.

Nesta carta, como se vê, faltam as expressões: — «caixeiros carolas e brutos; tolice violenta, ridícula e bestial.» O Sr. Alexandre da Conceição, não obstante considerar a frase de Darwin particular «daquele espírito ordeiro e característico dos seus livros mais revolucionários», quis remediar essa falta, e o seu artigo, inspirado pela carta do autor da *Origin of species*, como S. Ex.a diz que é, é tudo menos a inspiração dum «modesto divulgador do espírito científico do seu tempo, que junta a nulidade da sua opinião às vozes autorizadas dos primeiros homens da ciência contemporânea». O Sr. Alexandre da Conceição entendeu que, sem aqueles epítetos formosos, o carácter inglês não podia ser «cordialmente abominado» e fez mais alguma coisa: — escreveu-os, sobre aquele assunto que ainda lhe parece sem rival para uma «troça» e para uma «descompostura» com todo o peso da autoridade portuguesa!

Ao ver isto, eu pensei em que era dever de nós todos irmo-nos revoltando contra as «liberdades de adjectivação pouco parlamentares e menos académicas».

A frase poluída que a todos custa a ouvir da boca da plebe, não pode continuar a figurar na nossa literatura como lamento indispensável de uma linguagem expressiva. Doutro modo, o realismo e toda a literatura que dele se alimenta podem preocupar-se do sétimo volume de Bocage e supor que somos todos uns ignorantes que carecemos de ouvir «a palavra» para sabermos que se trata de mulher pública, e que nos não desviamos das imundícies da estrada se lá não estiver um rótulo bem claro.

Condenar as nossas mulheres e as nossas filha a não terem na língua pátria um romance que melhor se chamaria verdadeiramente moderno e científico, austero como a linguagem da ciência que tudo sabe dizer sem ser erótica, parece-me uma falta grave; querer vulgarizar as mais elevadas questões científicas e atrair sobre elas a atenção serena e firme do público, misturando-lhes um fraseado contrário e dando o exemplo de imprecações populares e impróprias, pareceu-nos uma falta maior ainda.

Notando as palavras do Sr. Alexandre da Conceição, nós não quisemos de modo algum censurá-lo na sua pessoa, mas apenas defumar-nos desta epidemia literária que nos obriga, homens cortesões com toda a gente na conversação, a falarmos em *forma desabrida*, como S. Ex.a chama ao sistema, nos escritos que produzimos.

Que a exemplo de Holmgren, Darwin, Wirchow... seja a questão tratada serenamente, promovendo os protestos de verdadeiro peso, ou apresentando os nossos na linguagem moderada e humilhante da crítica sábia. Que, em vez de meras notícias em forma de desabafo *de ponta e mola* (é aqui que vem de molde a classificação) se tornasse bem patente a indiferença dos homens competentes de Portugal; isto seria para a história dos nossos costumes um documento mais precioso.

A insistência em considerar universalmente o procedimento do parlamento inglês e da nação que ele representa como *intolerante e brutal*, faz-me insistir pela interpretação que consegui dar-lhe. Mas, ainda que o acto fosse brutal, *ser delicado com a brutalidade* nunca desonrou ninguém.

Quando eu comparei a linguagem de *John Bull* às *camiladas* da Revista Bibliográfica de Chardron, não intentei corrigir a opinião do ilustre autor daquele artigo, por meio duma recordação pungente de parte da sua vida literária que eu nunca deixarei tratar de *obscura*. Respeito a infelicidade que acompanhou o Sr. Conceição naquelas polémicas e foi por isso mesmo; mas não sei que esta se revelasse senão no abuso dos termos. *John Bull* e folhetim não são porém ainda provas de arrependimento, e eu não posso poupar S. Ex.a a essa recordação... *vergonhosa*, (já que agora se honra chamando-lhe assim) enquanto o não vir arrependido do motivo que apenas sinto para a vergonha.

Quanto à *dissertação* que o Sr. Alexandre da Conceição faz sobre o último período do meu artigo, visto que S. Ex.a carece de explicação, eu tomo a liberdade de lhe lembrar (e privo-me de comentários graciosos) que o ditado *á quelque chose malheur est bon*, ainda não está condenado, e que, *se a melhor coisa que se conhece, não é o mal, embora possa provocar as reacções do bem*, a *descompostura* em coisas sérias é ainda mais abominável do que o mal, porque é pelo contrário estéril para tudo.

Depois que o Dr. Pinel aboliu as chicotadas nas alienações, está reconhecido cientificamente que o azorrague, é contraproducente e que todos devemos deixá-lo na mão daqueles a quem por officio pertence.

Julgo ter dado por uma vez os meus motivos, sem esquecer mesmo a satisfação particular que porventura devesse ao Sr. Alexandre da Conceição.

Ponta Delgada (Açores), 8 de Março de 1882.